

Perspectivas de plausibilidade da religião: uma leitura da atualidade

Prospects of plausibility of religion: a reading of the present

Jeová Rodrigues dos Santos¹
jeova.r.santos@bol.com.br

Resumo

O presente artigo apresenta uma abordagem panorâmica acerca das principais transformações que a religião vem experimentando nas últimas décadas do século XX e na primeira década do século XXI. O momento histórico em que nos encontramos é marcadamente caracterizado por profundas mudanças nos sistemas de valores e nos ideais da humanidade. As religiões tradicionais, outrora reconhecidas como produtoras de sentido experimentam uma profunda crise. A religião, que no passado era recebida como herança dos pais ou imposta pela sociedade, torna-se agora objeto de escolha e livre opção das pessoas. Compreender o processo que ocasionou/a essas mudanças no campo religioso é o principal objetivo deste artigo.

Palavras-chave: religiões tradicionais; novas religiosidades; campo religioso brasileiro.

Abstract

This article presents a panoramic approach on the main transformations that religion has been experiencing in the last decades of the 20th Century and in the first decade of the 21st Century. This moment of history in which we find ourselves is markedly characterized by profound changes in the systems of values and the ideals of humanity. The traditional religions once recognized as producers of sense experience a profound crisis. The religion which in the past was received as an inheritance from parents or imposed by society has become an object of choice and free choice of the people. To understand the process that has led/to these changes in the religious field is the main objective of this article.

Keywords: traditional religions; new religiosities; religious field in Brazil.

Introdução

O presente artigo apresenta uma abordagem panorâmica acerca das principais transformações que a religião vem experimentando nas últimas décadas do século XX e na primeira década do século XXI. É notório que as grandes religiões tradicionais estão cedendo espaço para uma busca crescente de novas religiosidades ou religiosidades não convencionais onde o indivíduo não apenas nega a religião de herança como também busca exercer sua autonomia no campo das experiências religiosas.

¹ Mestre em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Doutorando em Ciências da Religião pela PUC Goiás.

O principal objetivo deste trabalho é buscar compreender o processo que ocasionou/a essas mudanças no campo religioso. A fim de alcançarmos tal propósito apresentaremos um breve histórico acerca da crise de identidade das religiões tradicionais no Ocidente e, a seguir, descreveremos as transformações no quadro religioso brasileiro com a intenção de refletir sobre que tipo de religião poderá ser considerada plausível para a atualidade.

A crise de identidade das religiões tradicionais: um breve histórico

O momento histórico em que nos encontramos é marcadamente caracterizado por profundas mudanças nos sistemas de valores e nos ideais da humanidade. Essas transformações têm ocorrido de forma tão rápida e tão radical que é difícil prever o que o futuro trará. O que se sabe com relativa certeza é que as mudanças ocorridas nas últimas décadas do século XX, e que se seguem no século XXI, não nos permitem mais conceber a realidade a partir de princípios e objetivos fixos. Já não existem respostas prontas e acabadas para as grandes questões relacionadas à existência humana nem certezas capazes de mobilizar as próximas gerações de maneira unidirecional. Conceitos como os de pátria, cultura, tradição, etnia, gênero, crenças, ritos e ideologia que outrora serviram de sustentáculo para a sociedade ocidental perderam suas funções agregadoras. Tudo está em constante movimento (Santos, 2008, 15-16).

Nessa nova sociedade em constante mudança o que não se adapta aos novos moldes está fadado, inelutavelmente, ao fracasso. Mariano Corbí usa o termo “reconverter” para designar a necessidade urgente de uma readaptação cultural e religiosa às exigências dos novos tempos em que vivemos. Segundo ele:

Reconverter uma tradição cultural ou religiosa significa aprender a ler a mesma mantendo-se livre das formas em que ela se concretizou. Significa aprender a viver a tradição sem estar subordinado em nada às formas em que essa tradição viveu no passado. Reconverter uma tradição a nova situação significa estar disposto a adotar modos de existência, de expressão e de concretização que jamais existiram; estar disposto a adotar formas, de todo tipo e em todos os âmbitos, que comportem uma novidade radical. Esta atitude inovadora deverá viver em paz, sem sentimento de infidelidade ao passado, pelo contrário, como a única maneira real e viva de ser fiel ao passado, como a única maneira possível de não deixá-lo morrer, de resgatar

e transmitir sua realidade, sua mensagem, sua sabedoria (Corbí, 1992, p. 228).²

Essas mudanças que se originaram na esfera cultural alcançaram também o campo religioso. As religiões tradicionais, outrora foram reconhecidas como produtoras de sentido e manutenção do *nomos* social na sociedade Ocidental. Ao sintetizar a relação entre a religião e a construção humana do mundo, Berger descreveu o processo dialético de construção da sociedade (sociedade como produto humano e ser humano como produto da sociedade) em três momentos: “É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade” (Berger, 2004, p. 16).

Segundo Berger, o ser humano, diferente de outros animais, nasce em um mundo aberto que deve ser modelado por sua própria atividade, ou seja, “a existência humana é um contínuo ‘pôr-se em equilíbrio’ do homem com seu corpo, do homem com seu mundo. É nesse processo que o homem produz o mundo” (Berger, 2004, p. 18). A essa construção humana do mundo, Berger denominou cultura. A sociedade ocupava, em sua perspectiva, “uma posição privilegiada entre as formações culturais do homem” (Berger, 2004, p. 20) e por isso, ele descreveu o processo de objetivação da sociedade e da socialização do ser humano como algo que “nunca pode ser completada, que deve ser um processo contínuo através de toda a existência do indivíduo” (Berger, 2004, p. 29).

Na perspectiva de Berger, a religião entra no cenário quando o *nomos* social aparece como expressão óbvia da natureza das coisas, entendido cosmologicamente ou antropologicamente, como derivado de fontes mais poderosas do que os esforços históricos dos seres humanos. Nesse caso, a religião, enquanto empreendimento humano, “é a cosmificação feita de maneira sagrada” (Berger, 2004, p. 38).

A fugacidade dos mundos socialmente construídos pelos seres humanos e as constantes ameaças que tais mundos sofrem, exigem mecanismos de estruturação e controle da vida em sociedade. Um dos meios utilizados nesse empreendimento é o processo de legitimação religiosa da realidade “que serve para escorar o oscilante edifício da ordem social” (Berger, 2004, p. 42).

² Tradução minha.

A parte historicamente decisiva da religião no processo de legitimação é explicável em termos da capacidade única da religião de ‘situar’ os fenômenos humanos em um quadro cósmico de referência. (...) A legitimidade religiosa pretende relacionar a realidade humanamente definida com a realidade última, universal e sagrada. (...) os *nomoi* humanamente construídos ganham um *status* cósmico (Berger, 2004, p. 48-49).

Atualmente, essa maneira de se enxergar a realidade tem mudado de forma radical com a constatação da crise nas grandes religiões tradicionais ocasionada, entre outras coisas, pela “laicização” das sociedades modernas. O processo de “laicização” de uma sociedade:

(...) implica que a vida social não é mais, ou torna-se cada vez menos, submetida a regras ditadas por uma instituição religiosa. A religião deixa de fornecer aos indivíduos e grupos o conjunto de referências, normas, valores e símbolos que lhes permitem dar um sentido à sua vida e a suas experiências (Hervieu-Lèger, 2008, p. 34).

A religião, que no passado era recebida como herança dos pais ou imposta pela sociedade, torna-se agora objeto de escolha e livre opção das pessoas. Essa efervescência religiosa:

(...) indica um afrouxamento das fronteiras rígidas de antes. Um indivíduo que tenha optado por uma dessas novas religiosidades passa a dar menos importância aos referentes ancorados na tradição familiar e na herança cultural para se deslocar em busca de novos caminhos, em uma “viagem” interior na qual a salvação encontra-se dentro de si mesmo (Guerriero, 2006, p. 15).

O misticismo moderno é caracterizado pela “polissemia subjetiva da experiência religiosa” acompanhada da “migração transeunte do sujeito místico e/ou religioso” (Brandão, 1994, p. 30).

A literatura especializada faz uso de diferentes termos para se referir a essa tendência atual na sociedade ocidental, à busca de novas religiosidades, religiosidades não-convencionais ou nova consciência religiosa. São conceitos tais como:

Campo religioso ampliado; religião difusa; religiosidade ou identidade religiosa flexível-flutuante; espaço religioso novo ou novas formas do sagrado na sociedade atual e nova sensibilidade místico-esotérica; sacralidade não religiosa e sacralização das relações individuais de

transcendência; nova religiosidade sincrética, esotérica-holística da New Age, Novos Movimentos Religiosos ou novas formas de religião; nebulosa místico-esotérica e crédulos difusos; nebulosa heterodoxa; religiões seculares; religiosidade inorgânica; nebulosa polivalente da Nova Era; diversidade de identidades; diversidade nas formas de adesão; orientalização do Ocidente (Siqueira, 2008, p. 35-36).

Os diferentes termos ilustram as possibilidades e dificuldades que os especialistas encontram para descrever as novas religiosidades na atualidade. Entre os variados termos acima apresentados é comum a utilização da expressão Novos Movimentos Religiosos (NMR) para descrever o contexto de mudanças no âmbito da religiosidade na atualidade.

Novo Movimento Religioso (NMR) é um termo difícil de ser definido, uma vez que não existem padrões absolutos que caracterizam tais movimentos. Basicamente, os NMRs “são aqueles que rompem com a ortodoxia religiosa de seu tempo, mas que crescem pela adesão de indivíduos que negam a religião de herança e buscam exercer sua autonomia no campo das experiências religiosas” (Guerriero, 2004, p. 168-169).

Essa tendência é caracterizada pela forte ênfase dada atualmente ao processo de desenvolvimento de uma espiritualidade pessoal e subjetiva, como maneira independente de se vivenciar o fenômeno religioso.

As transformações no contexto religioso brasileiro

Numericamente falando, o Brasil continua sendo um país de tradição religiosa cristã. Católicos e protestantes ocuparam os dois primeiros lugares nos dados censitários disponíveis entre os anos de 1940 e 2000. Apesar disso, é inegável o fato de que cada vez mais as grandes religiões tradicionais estão cedendo espaço para uma busca crescente de novas religiosidades ou religiosidades não convencionais que vão assumindo o terceiro lugar nas pesquisas vinculadas ao censo (Guerriero, 2004, p. 157).

Pierucci afirma que os dados fornecidos pelos respectivos censos apontaram para o fato inegável que o Brasil está tornando-se menos tradicional em termos religiosos.

Em 1940, os católicos eram 95,2% da população. Em 1950, o percentual caiu para 93,7%. Em 1960, caiu para 93,1%. Em 1970, o percentual era de 91,1%. Em 1980, já saiu da casa dos 90. Na ‘década perdida’ dos anos 1980, ainda eram 89,2% os que se declaravam católicos. Em 1991, caiu para

83,3%, e finalmente, no ano 2000, houve uma queda para 73,8% (Pierucci in: Souza; Martino, 2004, p. 16).

Ao mesmo tempo em que Pierucci observou a queda do tradicionalismo religioso no Brasil, ele mencionou o elevado índice de crescimento entre os “sem religião”. Acerca desses últimos, ele afirmou que:

A par de uma oferta religiosa mais diversificada, estamos vendo formar-se em nossa terra um contingente cada vez mais numeroso de desencaixados de qualquer religião, desfiliaados de toda instituição religiosa, desligados de toda e qualquer autoridade religiosamente constituída, (...) (Pierrucci in: Souza; Martino, 2004, p. 17).

A avaliação de Pierucci sobre a queda do tradicionalismo religioso representado pelo catolicismo e o aumento no percentual dos “sem religião” no Censo de 2000 parece se repetir nos dados censitários do ano de 2010. Segundo pesquisa realizada pelo Datafolha em 06 de maio de 2007, em matéria intitulada “País altera mapa da fé, mas não a sua religiosidade”, no Brasil os católicos representam 64% (queda de 10 pontos percentuais!) do total das filiações religiosas enquanto os “sem religião” representam 7% (aumento de 4 pontos percentuais!) do total. O Censo demográfico de 2010 vai mostrar os números mais recentes e com maior detalhamento.

Siqueira e Lima, na obra “*Sociologia das adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*” analisam o contexto religioso brasileiro, e apontam os traços característicos dessa nova religiosidade. Eles apresentam o perfil histórico da religiosidade contemporânea no mundo pós-moderno e mostram como as novas tendências religiosas de nosso tempo caminham mais em direção a uma sensibilidade espiritual individual do que em direção a um movimento espiritual estruturado. É o surgimento de uma nova opção de religião, à medida que a nova espiritualidade em construção não seria apenas a religião institucionalizada e especializada, mas a experiência que recorreria aos âmbitos da secularidade de nosso tempo e às vias religiosas tradicionais. Essa nova espiritualidade dá maior ênfase à espiritualidade, ou caminho espiritual, entendida como busca de autoconhecimento e de auto-aperfeiçoamento, que não se restringe apenas ao campo religioso, mas que se remete também a campos como a psicologia e a medicina. De acordo com um teórico

citado por Siqueira, “assistimos a uma passagem do antropocentrismo moderno para o cosmocentrismo pós-moderno” (Siqueira; Lima, 2003, p. 28).

Após traçar o perfil da religiosidade do nosso tempo, Siqueira centra sua atenção na capital do Brasil e no Planalto Central, como campo de pesquisa para a constatação da construção dessa nova espiritualidade caracterizada pelo surgimento de manifestações de religiosidade as mais diversas como, por exemplo: Legião da Boa Vontade, Cidade da Fraternidade, Collegium Lux, Movimento Gnóstico Cristão, Universal do Brasil na Nova Ordem, Ordem Espiritualista Cristã Vale do Amanhecer, Sociedade Fraterna do Lótus Sagrado. Nessas regiões do Brasil cresce a busca pelo místico-esotérico, fruto da bricolagem:

(...) da combinação, do convívio, integração e sintetização de doutrinas, de crenças e de visões de mundos que nasceram na Índia, no Japão, no Tibet, no Egito, na Amazônia... Tece-se, juntamente com a pluralidade de origens regionais, internacionais, de etnias, a universalidade e a integração sonhadas (Siqueira; Lima, 2003, p. 32).

Essa nova espiritualidade tem caráter ecumênico, o que inclui colagem ou combinação de elementos de várias religiões ocidentais e orientais, tradição hermética, ciências, consciência planetária, paz mundial, ecologia, e uma grande circulação pelos grupos e rituais. Sua intenção é criar uma nova humanidade. A busca de salvação mística estaria fundamentada na transformação interior do indivíduo (autoconhecimento, auto-aperfeiçoamento, e desenvolvimento espiritual) e num certo estado de ser e de relacionar com o mundo (a presença do divino em tudo e em todos e, como conseqüência, negação das separações e dualidades, como natural-sobrenatural, sagrado-profano, racionalidade-sensibilidade).

Com o objetivo de melhor precisar o processo da construção dessa nova espiritualidade, é desenvolvida uma pesquisa de campo com o auxílio de universitários da UNB em que questões as mais diversas são respondidas por adeptos de “46 grupos místico-esotéricos existentes em Brasília e entorno (Brasília, Alto Paraíso, Vale do Amanhecer)” (Siqueira; Lima, 2003, p. 109).

Após a exposição dos resultados da pesquisa, Siqueira traça o perfil do sincretismo brasileiro discorrendo sobre a pluralidade, bricolagem e trânsito religioso entre as novas religiosidades, partindo do pressuposto de que “estamos diante de um

processo de desinstitucionalização das religiões históricas e de destradicionalização da religiosidade, a partir da ênfase no presente, nas diferenças, na experimentação, no indivíduo, e na ruptura com a noção de representação” (Siqueira; Lima, 2003, p. 146).

Essa destradicionalização tende a ser associada a um pós-cristianismo e, sobretudo, a um pós-catolicismo caracterizado pela banalização das fronteiras religiosas e de quebra do monopólio ou da hegemonia do catolicismo que é acompanhado por um processo cada vez mais forte de composição de um pluralismo religioso.

Apesar das mudanças ocorridas no cenário religioso brasileiro nas últimas décadas, ainda vale afirmar que as principais doutrinas e instituições eclesiais “seguem sendo fonte de símbolos e de crenças, mas o aspecto que se destaca é a dimensão da subjetividade na construção do religioso e a crescente individualização da religiosidade” (Siqueira, 2008, p. 36).

Considerações finais

Após avaliação prévia acerca da crise de identidade das religiões tradicionais no Ocidente e das mudanças do contexto religioso brasileiro na atualidade, podemos inferir o seguinte: Diante da tendência mundial ao multiculturalismo, ou seja, à democracia baseada na lei formal, segundo a qual todos têm os direitos, o que implica também em liberdade para se manifestar a religiosidade sem constrangimentos, fica o desafio de se concretizar no Brasil aquilo que vem crescendo historicamente no convívio e na fusão multicultural de nosso povo, isto é, um ambiente onde cada cidadão/ã possa desenvolver sua própria espiritualidade sem coerção e sem constrangimentos.

Teoricamente falando, essa parece ser a *religião plausível* para o contexto brasileiro na atualidade.

Referências bibliográficas

BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 5 ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

BRANDÃO, C. R. A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In: MOREIRA, A.; ZICMAN, R (orgs.). *Misticismo e novas e religiões*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Instituto Franciscano de Antropologia da Universidade São Francisco, 1994.

CORBÍ, M., *Proyectar la sociedad, reconvertir la religión: los nuevos ciudadanos*. Barcelona: Editorial Herder, 1992.

GUERRIERO, S. A visibilidade das novas religiões no Brasil. In: SOUZA, B. M.; MARTINO, L. M. S. *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção temas do ensino religioso).

HERVIEU-LÈGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008.

PIERUCCI, A. F. Secularização e declínio do catolicismo. In: SOUZA, B. M., MARTINO, L. M. S. (Orgs.). *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus, 2004. pp. 13-21.

SANTOS, J. R. *Oração e liderança espiritual*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

SIQUEIRA, D.; LIMA, R. B. (Orgs.). *Sociologia das adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond: Vieira, 2003.

SIQUEIRA, D. Novos movimentos religiosos como desafio à sociologia da religião na atualidade. *Caminhos*. v. 6, n. 1, jan./jun., 2008. p. 34-43.